

SEMANA 04 – REPERTÓRIO – APRESENTAÇÃO SOBRE O CONCEITO DE *BANALIDADE DO MAL* DE HANNAH ARENDT

“Foi como se naqueles últimos minutos estivessem resumindo a lição que este longo curso de maldade humana nos ensinou a lição da temível banalidade do mal, que desafia as palavras e os pensamentos”.
(Arendt)

A questão do mal é um ponto já discutido em diversas obras filosóficas. A história da humanidade está repleta de fatos que beiram o absurdo em questão de crueldade, nos fazendo questionar até que ponto a barbárie humana é capaz de chegar. Contudo, por mais terríveis que possam ser algumas ações, não devemos nos esquecer que elas podem ser cometidas pelo mais comum dos humanos o mal não se esconde atrás de monstros e outras evocações naturais ou sobrenaturais que nossa imaginação possa criar, mas sim no mais banal dos indivíduos.

Na obra *O mal no pensamento moderno* – Uma história alternativa da Filosofia, Susan Neiman faz um apanhado da relação filosófica com a questão do mal entre os filósofos modernos. Até o século XVIII, o problema do mal era tratado do ponto de vista teológico, sendo a maioria das tentativas de elucidá-lo relacionadas com a religiosidade. Porém, a partir da Segunda Guerra Mundial, com o Holocausto Nazista, a reflexão sobre o mal toma um rumo totalmente novo. Nunca antes na História se tinha visto tamanha atrocidade cometida por humanos contra a própria espécie. Definir o mal passou a ser uma problemática aparentemente sem solução.

“Sempre que emitimos o julgamento isso não deveria ter acontecido, estamos enveredando por um caminho que conduz diretamente ao problema do mal.” (Neiman)

O mal passa a ser tratado, após Auschwitz, como aquilo que nunca deveria ter ocorrido, algo forte e surreal demais para que pudesse ser explicitado. Em sua obra *Eichmann em Jerusalem*, Hanna Arendt descreve o julgamento do nazista Adolf Eichmann, buscando em meio ao seu depoimento compreender as atrocidades cometidas durante o holocausto.

Ela pretende não mais encarar o mal como algo indescritível, como uma impossibilidade, mas sim tentando entender o que é o mal, longe da perplexidade que ele pode causar. E analisando o

caso de Eichmann, ela percebe que o mal pode ser algo comum, pode estar na mais medíocre criatura. Ele era o mais comum dos homens, educado, inteligente e, o mais intrigante, afirmava que particularmente não era antisemita; era apenas um cidadão cumpridor das leis. Eichmann foi um dos responsáveis pelo transporte dos prisioneiros judeus para os campos de concentração.

Ele cuidava da logística que levaria milhões de pessoas aos mais diversos tipos de torturas e à morte. Porém, ele via sua função como sendo apenas parte do sistema, como se estivesse meramente cumprindo ordens, executando corretamente suas tarefas, sem levar em consideração o que realmente significava sua parte no esquema nazista. Ele era um de muitos do mesmo tipo, indiferente ao sofrimento alheio, com uma frieza e uma incapacidade de comiseração.

“O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem perversos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas, pois implicava que



[...] esse era um novo tipo de criminoso, efetivamente hostis generis humani, que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado". (Arendt)

Arendt aponta exatamente isso na descrição de Eichmann: alguém que não conseguia perceber a realidade, que não podia se colocar no lugar de outra pessoa. E seu problema não era burrice ou ignorância, mas sim ter internalizado que o que estava fazendo era o correto; ele seguia a lei sem questionar o certo e errado, e dessa forma tornou-se um dos maiores criminosos de guerra.

"Quanto mais se ouvia Eichmann, mais óbvio ficava que sua incapacidade de falar estava intimamente relacionada com sua incapacidade de pensar, ou seja, de pensar do ponto de vista de outra pessoa. Não era possível nenhuma comunicação com ele, não porque mentia, mas porque se cercava do mais confiável de todos os guarda-costas contra as palavras e a presença de outros, e, portanto, contra a realidade como tal." (Arendt)

Arendt aponta umas das principais atrocidades cometidas pelo regime nazista: a tentativa de tirar a humanidade do indivíduo, de tornar as pessoas incapazes de compaixão pelo próximo. Ao tentar eliminar o povo judeu, não era apenas o extermínio dos indivíduos em si que se buscava, mas de uma classe específica de indivíduos, de toda uma cultura. Nos campos de concentração, o sofrimento infligido era tanto, a morte e a tortura era algo tão comum, que as vítimas se acostumavam, até o ponto em que isso é possível, à desgraça.

Ela afirma que o povo alemão, e não só os nazistas, foram indiferentes com o sofrimento das vítimas; todo um povo foi condescendente com uma barbárie que dizimou milhões de pessoas. Todo um povo, com o mesmo pensamento de estar cumprindo com seu dever de cidadão na Alemanha nazista, permitiu se ludibriar por um discurso de ódio que causaria um genocídio.

"A atitude do povo alemão quanto a seu próprio passado [...] não poderia ter sido demonstrada com mais clareza: as pessoas não se importavam com o rumo dos acontecimentos e não se incomodavam com a presença de assassinos à solta no país, uma vez que nenhuma delas iria cometer assassinato por sua própria vontade." (Arendt)

O que o discurso nazista gerou foi, não apenas uma despreocupação com a vida do outro, mas uma inversão sobre o bem e o mal; o povo alemão, assim como Eichmann, cumpria cegamente as leis ditadas, sem refletir sobre as consequências. Houve até mesmo uma inversão do significado de tentação, em que as boas ações passaram a figurar como tal: se não roubar, não matar e não causar o sofrimento alheio eram atos considerados como pecado, os alemães aprenderem muito bem a resistir às tentações. Ela levanta também um ponto bastante polêmico, sobre a participação indireta de líderes das comunidades judaicas no holocausto. Esses líderes eram muitas vezes incumbidos de escolher quais judeus deveriam ser poupados do extermínio, ou seja, sujavam suas mãos ao selecionar vidas humanas como se fossem objetos. Mas Hannah Arendt não estava de forma alguma acusando seu povo – visto que ela era judia e refugiada – de ter uma parte responsável pelo holocausto.

Quando aponta o mal como sendo uma banalidade, ela não quer apenas desmitificar a visão que temos e demonstrar como as mais terríveis atrocidades podem ser cometidas por pessoas comuns, mas sim tirar o mal do patamar de algo que não pode ser mudado. Quando tomamos o mal como sendo algo banal, lhe tiramos umas das principais características, que é a ligação com o sobrenatural, com algo imutável. Como pontua Neiman: *"Chamar o mal de banal é fazer retórica moral; é uma maneira de desarmar o poder que torna atraente o fruto proibido"*.

O mal se relaciona com a liberdade de escolha do indivíduo, e não lhe é uma característica intrínseca. Arendt nos dá claros exemplos de escolhas que foram contra a maldade vigente: a resistência por parte de alguns judeus em relação às ordens do führer, bem como de algumas cidades que descumpriram suas ordens sobre exilar os judeus, pois essa resistência deu resultados, deixando o exército nazista sem força de ação; ou no caso do militar nazista que arriscou a própria vida para salvar um judeu. Ou seja, o mal é uma escolha infeliz, a ocorrência do mal não é determinada radicalmente, mas está relacionada à contingência.

"Seria de grande utilidade prática para a Alemanha de hoje [...] mais dessas histórias para contar. Pois a lição dessas histórias é simples e está ao alcance de todo mundo. Politicamente falando, a lição é que em condições de terror, a maioria das pessoas se conformará, mas algumas pessoas não. [...] Humanamente falando, não é preciso nada mais, e nada mais pode ser pedido dentro dos limites do razoável, para que este planeta continue sendo um lugar próprio para a vida humana." (Arendt)

A intenção de Hannah Arendt ao analisar o mal tirando o véu de perplexidade que o encobria até então, e buscando compreender como ele é possível, se dá não para aceitar os acontecimentos, mas sim para ver que há sempre uma possibilidade além da maldade, que resistir é uma das únicas formas de se manter humano, de se manter a espécie humana.

"[...] encontrar meu caminho pela realidade sem lhe vender minha alma da maneira como as pessoas antigamente vendiam as suas ao diabo." (Hannah Arendt, citada por Susan Neiman).